

## A CAPTURA DAS SUBJETIVIDADES COMO ESTRATÉGIA NAS RELAÇÕES DE PODER NA SOCIEDADE CAPITALISTA

Carmen Lúcia Costa<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo apresenta uma reflexão sobre o processo de captura das subjetividades dos/as trabalhadores/as nos tempos de avanço do projeto neoliberal de extrema direita no Brasil, marcado pelo projeto de poder que exclui, segrega, mata e subjuga a classe trabalhadora a partir de retirada de direitos, mas sobretudo, pela inserção da lógica da mercadoria na vida cotidiana. Para realizarmos o exercício de compreensão, buscamos neste artigo discutir as subjetividades sob a ótica do materialismo histórico e dialético para entender sua dinâmica e, assim, sua captura e sua condição de superação. O artigo reafirma a necessidade da construção de um projeto de superação da sociedade capitalista e da produção de novas subjetividades a partir da resistência popular, da ciência e de novas formas de produzir o cotidiano.

**Palavras-chave:** subjetividades; vida cotidiana; ciência; política.

## THE CAPTURE OF SUBJECTIVITIES AS A STRATEGY IN POWER RELATIONS IN CAPITALIST SOCIETY

**Abstract:** This article presents a reflection on the process of capturing the subjectivities of workers in the advancing times of the neoliberal extreme right project in Brazil, marked by the power project that excludes, segregates, kills and subjugates the working class from the outset. withdrawal of rights, but above all, by the insertion of the logic of the commodity in everyday life. In order to perform the comprehension exercise, this article discusses subjectivities from the perspective of historical and dialectical materialism in order to understand its dynamics and, thus, its capture and its condition of overcoming. The article reaffirms the need for the construction of a project to overcome capitalist society and the production of new subjectivities based on popular resistance, science and new ways of producing daily life.

**Keywords:** subjectivities; everyday life; science; politics.

## LA CAPTURA DE SUBJETIVIDADES COMO ESTRATEGIA EN LAS RELACIONES DE PODER EN LA SOCIEDAD CAPITALISTA

**Resumen:** Este artículo presenta una reflexión sobre el proceso de capturar las subjetividades de los trabajadores en los tiempos avanzados del proyecto neoliberal de extrema derecha en Brasil, marcado por el proyecto de poder que excluye, segrega, mata y subyuga a la clase trabajadora desde el principio. retirada de derechos, pero sobre todo mediante la inserción de la lógica de la mercancía en la vida cotidiana. Para realizar el ejercicio de comprensión, este artículo analiza las subjetividades desde la perspectiva del materialismo histórico y dialéctico para comprender su dinámica y, por lo tanto, su captura y su condición de superación. El artículo reafirma la necesidad de la construcción de un proyecto para superar la sociedad capitalista y la producción de nuevas subjetividades basadas en la resistencia popular, la ciencia y las nuevas formas de producir la vida cotidiana.

**Palabras clave:** subjetividades; vida cotidiana; ciencia; política

### Introdução

Em tempos de avanços da ideologia de extrema direita em todo o mundo, este artigo apresenta alguns argumentos para entender como a captura das subjetividades coloca-se como estratégia fundamental para tal projeto, capturando não apenas o tempo de trabalho de homens e mulheres, mas o tempo para além do trabalho onde se produz o cotidiano, produz-se e apropria-se do espaço tempo da vida, ou seja, o capital no atual momento de sua reprodução alcança todos os lugares e a mercadoria passa a mediar as relações cada vez mais, subjugando a vida, sufocando a criatividade, impondo padrões e regulando as emoções da classe trabalhadora.

A visita a clássicos do pensamento marxista em diversas áreas do conhecimento, como o Vigotsky, torna-se fundamental para a compreensão do que é a subjetividade humana, primeiro passo para entendermos a sua captura e a necessidade de seu fortalecimento enquanto estratégia de enfrentamento ao projeto neoliberal de esgarçamento da vida. Outros/as autores/as contribuíram para o nosso propósito como Lefebvre, Safatle, Santos, Marx, Engels, Huxley, Raffetin, Berman, Federici, Butler e outros/as num exercício de avançar na compreensão das subjetividades do homem e da mulher modernos/as.

---

<sup>1</sup> Doutora em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (2010). Atualmente é professora da Universidade Federal de Catalão. Email: clcgeo@gmail.com

Compreender a produção das subjetividades nos ajuda a entender a importância que sua captura tem no projeto de poder da extrema direita e a necessidade de resgatar este campo como lugar de enfrentamentos, de lutas, de resistências cotidianas e nos movimentos sociais, apontando para uma nova forma de produzir a vida e se apropriar do espaço-tempo para a construção de uma sociedade melhor para todos e todas.

### **- A construção do mito da modernidade – as dicotomias**

Para contribuir com o debate, nos propomos a uma análise de como o materialismo histórico e dialético apresenta elementos para a superação da dicotomia entre objetividade e subjetividade, corpo e pensamento, que tanto marca a sociedade atual, na vida cotidiana daqueles que se deparam com uma sociedade cuja característica é esta e outras dicotomias – como esquerda X direita. A compreensão desta dicotomia é importante uma vez que tudo o que nos cerca parece estar profundamente entranhado por dicotomias que se aprofundam e colocam em enfrentamento direto os que pensam diferente, as diversidades.

O interesse pelo tema deve-se aos fortes embates que temos vivenciado como militantes da resistência popular frente à ascensão da extrema direita no Brasil sendo que tal contexto é fortemente marcado pela captura das subjetividades da classe trabalhadora, ressignificando as lutas e aprofundando a exploração e a alienação. Capturar a subjetividade é fundamental para a construção de uma relação midiática onde o espetáculo é maior que a realidade e o discurso de ódio ganha espaço e notoriedade. Aqui entendemos que a dicotomia corpo X pensamento abre o caminho para um projeto de destruição do humano, da vitória do lucro sobre a vida, da idiotice sobre a reflexão.

Importante faz-se resgatar a dicotomia de Platão pois até este pensador o corpo e a mente eram vistos e abordados como um único elemento, parte de um todo que não podia ser separado com riscos à compreensão do Homem. A eminência da morte colocou para este pensador a necessidade de filosofar sobre a vida para além da morte e o mesmo, então, nos apresentou uma mente, um espírito que continuaria a vida para sempre, inclusive voltando em outros momentos para a vida terrena.

Esta concepção foi apropriada posteriormente pelo Cristianismo e ressignificada de acordo com seus interesses e é um dos pilares da construção do Homem moderno que herdará toda uma estrutura marcada pela dicotomia corpo X pensamento que será reforçada pelos dogmas cristãos afastando ainda mais o corpo dos pensamentos, ou aqui mais significativa como alma. O corpo aparece como algo pecaminoso, sujo, podre, algo que precisamos nos libertar para uma vida cheia de paz e riquezas em um reino dos céus. A associação com uma necessidade de pureza – que só é possível para aqueles que menosprezam completamente o corpo e os prazeres carnis – marcará toda a Idade Média e será muito difundida como teoria e muito pouco como prática em toda a Europa e países recém colonizados.

Durante toda a Idade Média a população viveu, em grande parte, longe de um conhecimento que foi produzido pelos filósofos gregos, longe da leitura e de outros saberes que foram apropriados pela Igreja Católica. Restou ao povo a sabedoria popular impregnada de magias, crenças, misticismos e subjetividades, que marcava principalmente a vida cotidiana dos camponeses e camponesas. Para ilustrar este contexto recorreremos a obra – O Calibã e a Bruxa de Silvia Federici (2017) – onde a autora relata, por exemplo, a construção do conceito de bruxa para punir mulheres que possuíam o domínio de práticas contraceptivas e abortivas com o uso de ervas e também lutavam em rebeliões em tempos de grande fome na Europa medieval quando se construiu o mito de que “... as bruxas vagavam pelo campo à noite para se alimentar do gado.” (2017, p.155) Esta passagem, assim como a narrativa da queima de mulheres como bruxas em fogueiras mostra-nos como esta foi uma época em que reinavam as estórias e a crença popular em contraposição a um saber que era restrito a padres e reis.

A implantação do modo de produção capitalista vai mudar toda esta lógica. Retomamos a mesma obra de Federici para ilustrar como foi necessário construir uma nova forma de pensar, agir e produzir o mundo a partir do processo de acumulação de capital que marcou o final da Idade Média e que culminou numa sociedade capitalista onde a máxima era a racionalidade cartesiana e outros pensadores.

Federici (2018) usa a forma como o conhecimento popular e o domínio do corpo pelas mulheres necessitou ser extirpado da vida cotidiana para inaugurar uma nova lógica. Ela usa como exemplo os partos que até o final da Idade Média eram um campo de domínio de mulheres e que passou a ser universo de homens – os médicos – diante da difusão de um conhecimento científico – racional – que substituiu o saber popular carregado de subjetividades e práticas “obscuras”. O discurso de cientificidade veio atrelado ao de higienização e segurança do novo saber que se consolidava em bases distantes do povo e que seria mais uma mercadoria colocada à disposição no mercado.

Uma passagem nos mostra bem como foi a passagem abordada quando Federici escreve sobre as políticas que marginalizaram as parteiras e colocaram em

predomínio a vida do feto em detrimento da vida da mãe, invertendo a lógica do debate colocado até então. Para a autora,

O resultado destas políticas, que duraram duzentos anos (as mulheres continuavam sendo executadas na Europa por infanticídio no final do século XVIII), foi a escravização das mulheres à procriação. Enquanto na Idade Média elas podiam usar métodos contraceptivos e havia exercido um controle indiscutível sobre o parto, a partir de agora seus úteros se transformaram em território político, controlados pelos homens e pelo Estado: a procriação foi colocada diretamente a serviço da acumulação capitalista. (FEDERICI, 2017, p. 178)

Esta passagem nos auxilia na compreensão de como a ordem se inverteu com a Acumulação Primitiva de Capital, posteriormente com a Revolução Urbana e depois com a Revolução Industrial, todos estes momentos marcados pela racionalidade que passou a comandar a vida cotidiana. Novamente observa-se toda a construção de uma superestrutura que manteve, em sua essência, as dicotomias herdadas dos filósofos e aprofundadas pela Igreja Católica, agora aliada como instituição representativa do novo modo de produção e reprodução da vida.

A dicotomia corpo X pensamento pode ser observada já na forma como Federici aborda no final da Idade Média. Mas, sem dúvida, precisamos recorrer a Descartes para compreender melhor esta nova forma de pensar inaugurada, em maior parte, por este pensador. Em sua obra *O Discurso do Método* o autor já nos alertava para o fato de que há uma alma e um corpo e que a alma guarda o senso ou a razão e que esta “é a única coisa que nos torna homens e nos distingue dos animais.” (1996, p. 65) Embora o autor trabalhe o conceito de razão, entende-se que há uma supremacia absoluta da racionalidade – a partir de agora científica – no seu discurso do método e que guiará toda a produção de conhecimento pelos próximos anos. Assim, identificamos que há um aprofundamento da separação entre corpo e pensamento, racional e subjetivo, o que pode ser explicado e o que é mistério e, portanto, não pertence ao campo da razão humana.

A racionalidade científica, que vai dar o tom de todo o trabalho no campo do saber a partir de agora será esboçado por Descartes, sempre enfocando a necessidade de um saber organizado, metódico, que é diferente do senso comum, que está distante da subjetividade. Para o autor,

Eu apreciava muito a eloquência e estava enamorado da poesia; mas pensava que uma e outra eram dons do espírito, mais do que frutos do estudo. Aqueles cujo raciocínio é mais vigoroso e que melhor digérem seus pensamentos, a fim de torna-los claros e inteligíveis, podem sempre persuadir melhor os outros daquilo que propõem, ainda que falem apenas baixo bretão e jamais tenham aprendido retórica. (DESCARTES, 1996, p.68-69)

Uma nova forma de produzir saber e conhecimento estava inaugurada e com um claro compromisso de servir aos interesses de um novo modo de produção que necessita dominar e explorar e a ciência com sua racionalidade servirá de sustentação para tal. Para observamos como a racionalidade se coloca no método de Descartes, buscamos a passagem onde o autor liga a produção do seu método com a linguagem dos números, colocando aí mais um problema no campo da produção das ciências humanas. Para Descartes, “Pois, enfim, o método que ensina a seguir a verdadeira ordem e a enumerar exatamente todas as circunstâncias daquilo que se procura contém tudo quanto dá certeza às regras da aritmética.” (1996, p.81) E ainda, “Assim, porque os nossos sentidos nos enganam às vezes, quis supor que não havia coisa alguma que não fosse tal como eles nos fazem imaginar.” (1996, p.91)

Sem dúvida, ao longo de toda a construção das ciências modernas o método de Descartes será uma referência, mas também um problema a ser superado, principalmente para a ciências humanas que não conseguem se “encaixar” na lógica matemática, ficando muitas vezes no campo das “pseudociências”.

Descartes e seu método inaugura a modernidade um período marcado pelo avanço do modo de produção capitalista que vai impondo seus valores e destruindo tudo o que não se adequa à sua lógica, como nos mostra Berman,

Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas ao redor – mas ao mesmo tempo, tudo o que sabemos, tudo o que somos. A experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia: nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana. Porém, é uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambiguidade e angústia. Ser moderno é fazer parte de um universo no qual, como disse Marx, “tudo o que é sólido desmancha no ar”. (1986, p.15)

Desta forma, a angústia de estar sempre pisando em um chão que pode se desfazer é a constante desta sociedade que se inaugura sob a lógica racional de Descartes, e que vai avançando para uma realidade onde tudo é muito fluido, rápido, contraditório, um cenário que vai aprofundar os dilemas humanos por um lado,

## A CAPTURA DAS SUBJETIVIDADES COMO ESTRATÉGIA NAS RELAÇÕES DE PODER NA SOCIEDADE CAPITALISTA

mas esvaziá-los de sentido por outro. O mal-estar da sociedade moderna que à medida que avança faz-nos estar em “... meio a uma era moderna que perdeu contato com as raízes de sua própria modernidade.” (BERMAN,1998, p.17), é inaugurado. E seguindo o raciocínio do autor, uma sociedade em que “tudo é absurdo, mas nada é chocante, porque todos se acostumam a tudo” (BERMAN,1998, p.17), se estabelece. Um mal-estar que de acordo com Lefebvre (1996) caracteriza o homem moderno perdido e insatisfeito o tempo todo, como nos apresenta em uma passagem ao analisar a obra *Ulisses* de James Joyce,

O que vem em seguida é a subjetividade, portanto o tempo, com seus traços provenientes das dualidades: o humano e o divino, o cotidiano e o cósmico, o aqui e o alhures. Mas também com suas triplicidades: o homem, a mulher e o outro – a vigília, o sono, o sonho – o banal, o heroico, o divino – o cotidiano, o histórico, o cósmico. (...) O tempo é o tempo da mudança. Não aquele de uma simples modificação local, parcial, mas o tempo das transições e dos transitórios, o dos conflitos; da dialética e do trágico. Nessa temporalidade que tem por símbolo o Rio, o real e o sonho não se separam. O tempo não tem estrutura. A escrita agarra o mundo do desejo, e a narrativa é onírica na sua cotidianidade (exatamente: na sua cotidianidade). Não tem nada de combinatório. A narrativa dá a imagem em movimento de um dia cósmico, introduzindo o leitor numa espécie de carnaval linguístico: festa da linguária, loucura da escrita literária.” (LEFEBVRE, 1996, p. 8)

As dualidades ou dicotomias marcam a modernidade e caracterizam o seu mal-estar, como o que sente *Ulisses* na cidade de Dublin que assiste abismado o desmanche no ar de tudo o que era sólido, inaugurando uma nova narrativa, onde tudo é fluido. Mas este fato só é possível porque estamos diante de um homem alienado, separado de tudo o que antes lhe servia de referência de construção de identidade, vazio de sentido e de reconhecimento, embrutecido. Para Marx estamos em um processo no qual,

(...) o operário já não utiliza os meios de trabalho para produzir objetos úteis, como acontece no processo de trabalho em geral, mas onde são os meios de trabalho que utilizam o operário para produzir mais-valia, prescindindo do valor de uso dos objetos criados; não é já o trabalho vivo que, insuflando vida no trabalho morto, prodigiosamente o ressuscita, é o trabalho morto que “suga” o trabalho vivo a ponto de o esvaziar da sua própria essência incorporando-o em si como seu simples “acessório”; já não é o presente que resgata o passado da sua letargia, é o passado que avilta e agrilha o presente; já não é a qualidade que plasma a massa bruta, é esta que emaranha e oblitera aquela, é a vil “coisa” que sufoca a celebrada “pessoa”; já não é o instrumento de trabalho que funciona de veículo para a exteriorização da natureza humana, é o próprio instrumento que se torna um meio de comando de energia desumanizada; já não é a riqueza social que se transfigura em nova riqueza que gera no polo oposto o “empobrecimento” e o “esvaziamento” do produtor, a “sua miséria subjetiva, o seu estado de espoliação e dependência”, já não é o homo faber da epopeia literária burguesa que subjuga a natureza, é o “monstro animado” do capital que se conserva e cresce, “como se tivesse o amor no corpo”, com a única condição de submeter e espremer até a última gota de linfa a criatura “amada”. (1969, p.21)

Desta forma, entendemos o porquê do mal-estar da modernidade produto da racionalidade que oprime a subjetividade que foi transformada no homem pela alienação, “o criador de tudo, não possui nada; é possuído, pelo contrário, pela obra das suas próprias mãos.” (MARX,1969, p. 31) O que antes dava ao homem a sua identidade de humano – o fato de se reconhecer no produto do seu trabalho, agora é o elemento de seu estranhamento no mundo e coloca estes trabalhadores na condição histórica de produzir a superação para a sua própria sobrevivência, pois, “produzindo-se e reproduzindo-se a si próprio, o capital cava a sua sepultura e cria a classe dos seus coveiros”. (MARX, 1969, p.31) O mal-estar aprofunda-se diante do contraditório que marca o cotidiano humano e, aqui nos interessa mais de perto a contradição entre objetividade e subjetividade, entre o corpo e o pensamento, agora separados e provocadores de crises e soluções equivocadas, propostos por ciências marcadas por métodos e metodologias que desprezam a humanidade e a subjetividade dentro do contexto de profunda alienação.

### - Subjetividades e a modernidade

Uma questão parece central nas ciências humanas: como desenvolver um arcabouço puramente racional, ou dentro da lógica da racionalidade das ciências exatas, para abordar questões referentes ao pensamento, às emoções, à mente ou ainda pior, ao subconsciente e ao inconsciente? Para a teoria desenvolvida por Vigotsky a partir do materialismo histórico e dialético é preciso produzir um novo caminho e uma nova metodologia para que as ciências humanas, supere o que o autor chama de crise do pensamento na ciência e que também se manifesta em todas as outras humanidades.

Neste sentido, a contribuição da dialética foi fundamental pois é a sua capacidade de integração do que é diferente na produção realidade que nos permite superar as dicotomias, entendendo-as como componentes de uma única realidade. Assim avançamos na compreensão da essência além da aparência que insiste em se colocar como realidade.

## A CAPTURA DAS SUBJETIVIDADES COMO ESTRATÉGIA NAS RELAÇÕES DE PODER NA SOCIEDADE CAPITALISTA

Neste caminho Vigotsky (2011) explica que toda subjetividade tem origem na produção da vida material, social e historicamente determinada pelo modo de produção, pela estrutura na qual estamos inseridos. Buscamos uma passagem onde o autor analisa a construção dos conceitos para avançar na compreensão da materialidade do que aparece como abstrato. Para Vigotsky,

Todo conceito científico-natural, por mais alto que seja seu grau de abstração em relação ao fato empírico, encerra também uma concentração, um sedimento da realidade concreta e real de cujo conhecimento científico surgiu, ainda que seja só em uma solução muito fraca. Ou seja, a qualquer conceito, ainda que trate do mais abstrato – do último – corresponde um certo grau de realidade, representada no conceito em forma abstrata, segregada da realidade; inclusive conceitos puramente fictícios, não mais científico-naturais, mas matemáticos, são, no fim das contas, uma repercussão, um reflexo de relações reais entre coisas e processos reais, ainda que não procedam de um conhecimento experimental, real, mas tenham surgido a priori, segundo o caminho dedutivo, de operações especulativas lógicas. (...) A realidade existe inclusive dentro das abstrações imaginárias das matemáticas. (2011, p. 233)

Desta forma, o autor recupera o debate clássico entre o idealismo e o materialismo para justificar que as ciências humanas esteve em algum momento num destes extremos, ora idealista demais, ora materialista demais, e que é necessário o domínio do método para resolver esta crise, demonstrando que não há subjetividade alheia à produção material da vida e nem uma vida material sem uma dimensão simbólica, subjetiva, com sonhos, desejos. Não há, como nos lembra o autor, uma forma abstrata pura como querem ou acreditam os fenomenólogos, por exemplo, uma psique completamente autônoma e que dita as regras para o corpo. Não há uma materialidade absurda que rege todos os caminhos do humano, como queria a reflexologia, também. O que há é uma dialética entre o objetivo e o subjetivo que foi abandonada ainda no pensamento grego clássico e depois refutada pelo pensamento cartesiano moderno, obrigando a ciência a manter-se nesta prisão da crise dicotômica. Somente um pensamento dialético consegue estabelecer as conexões que superam a crise, pois entende que uma coisa não existe sem a outra e interagem-se o tempo todo. Como afirma Rey,

A dialética nos remete sempre à organização dos fenômenos tendo essa organização uma expressão processual permanente, definida pela constante contradição entre os contrários que definem a unidade qualitativa atual deste fenômeno. (REY, 2018, p.402)

Neste sentido, o mesmo autor nos esclarece sobre o objetivo e o subjetivo:

O objetivo e o subjetivo não se apresentam nesta perspectiva como dimensões excludentes entre si, pelo contrário, se pressupõem de forma recíproca. Não existe uma dimensão objetiva dos processos humanos que possa se separar do subjetivo em seu impacto sobre o homem, pois a subjetividade é um atributo definidor da objetividade humana. O objetivo e o subjetivo, na forma em que empregamos estes termos, não representam o significado frequentemente eles têm no senso comum, em que o objetivo é reservado para aquilo que é real, enquanto o subjetivo é considerado como uma distorção. O objetivo e o subjetivo diferenciam-se no nível ontológico como qualidades diferentes dos fenômenos da realidade: o objetivo caracteriza os processos da realidade que não implicam uma dimensão simbólica nem de sentido em seu funcionamento e suas relações. (REY, 2018, p. 399)

Entendemos assim, que não há uma subjetividade que esteja acima de nossas cabeças, da mesma forma que não há uma mente que é separada do corpo, ou uma psique que exista independente da vida material ou com poderes sobrenaturais sobre a realidade. Marx ao travar o debate teórico com os idealistas adverte: “Toda vida social é essencialmente prática. Todos os mistérios que levam a teoria para o misticismo encontram sua solução racional na práxis humana e na compreensão desta práxis.” (1991, p.14) Para Marx, todos os fenômenos encontram sua explicação na produção material da vida, para o autor,

A produção de ideias, de representações, da consciência, está, de início, diretamente entrelaçada com a atividade material e com o intercâmbio material dos homens, como a linguagem da vida real. O representar, o pensar, o intercâmbio espiritual dos homens, aparecem aqui como emanção direta de seu comportamento material. O mesmo ocorre com a produção espiritual, tal como aparece na linguagem da política, das leis, da moral, da religião, da metafísica, etc. Os homens são os produtores de suas representações, de suas ideias, etc, mas os homens reais e ativos, tal como se acham condicionados por um determinado desenvolvimento de suas forças produtivas e pelo intercâmbio que a ele corresponde até chegar às suas formações mais amplas. A consciência jamais pode ser outra coisa do que o ser consciente, e o ser dos homens é o seu processo de vida real. E se, em toda ideologia, os homens e suas relações aparecem invertidos como numa câmara escura, tal fenômeno decorre do seu processo histórico de vida, do mesmo modo que por a inversão dos objetos na retina decorre de seu processo de vida diretamente físico. (1991, p.36 – 37)

Desta forma, compreendemos que todo o processo de separação do corpo e da alma (ou espírito, psique, etc) é irreal e, portanto, tal crise será superada no momento da superação desta dicotomia, entendendo os fenômenos abstratos como resultado da produção material da vida.

## A CAPTURA DAS SUBJETIVIDADES COMO ESTRATÉGIA NAS RELAÇÕES DE PODER NA SOCIEDADE CAPITALISTA

Observa-se, também, que todo este movimento dá-se para romper com a racionalidade imposta a todas as ciências e com o uso de uma metodologia única para todas, advinda das ciências exatas, recuperando assim a necessidade da construção de uma metodologia nova própria às ciências humanas, tarefa da qual também Vigotsky fará esforço para contribuir em sua obra, alertando para a construção de perguntas, que ele julga mais importantes que as respostas, e que devem ser elaboradas com responsabilidade pelo pesquisador. Além disso, nos chama a atenção para o cuidado com o ecletismo em moda no seu tempo, e ainda hoje, e que segundo o autor, os ecléticos “... respondem à pergunta formulada pela filosofia marxista com o que lhes sugere a metapsicologia freudiana. “(1999, p.253), ou seja, misturam teorias contraditórias e não chegam a superar as dicotomias, mas sim reforçam-nas. Rey, ao abordar estas problemáticas no campo da Psicologia, lembra-nos que na obra de Vigotsky, “A psique aparece, assim, como um sistema ativo, gerador.” (2018, p.402) e prossegue:

A dialética permitiu a desnaturalização da compreensão da psique e facilitou sua representação como sistema complexo capaz de integrar, em seus próprios termos e mediados pelas suas próprias formas de organização em diferentes espaços socioculturais e em diferentes momentos históricos, como momentos de sentido de sua organização subjetiva atual. É precisamente esta integração do histórico e do social, na sua especificidade psicológica, o que explica o uso da categoria subjetividade para dar conta desse complexo sistema de produção de sentido com características ontológicas diferentes de muitos dos sistemas que participaram de sua gênese. E aqui, neste nível de complexidade que toma a construção do conhecimento sobre esta realidade, a dialética encontra-se com a epistemologia da complexidade e se expressa, por exemplo, na compreensão da subjetividade como sistema complexo, que tem sido o centro de nosso trabalho. (2018, p.403)

Observa-se, então, todo o esforço da escola de pensamento marxista em trabalhar com o tema subjetividade a partir do legado de Vigotsky e outros pensadores. Este mesmo exercício vale para outras categorias como a personalidade, o conhecimento, as formas de aprendizagem, etc. Quando não se superam estas dicotomias há a produção do que o autor chama de psicologia pequeno burguesa, e não apenas a psicologia, preocupada apenas com elementos do indivíduo e sem a capacidade de pensá-lo em sua totalidade, que é social. Todo este esforço é ampliado para todas as ciências humanas na tentativa de avançar no debate sobre a subjetividade que nos propomos analisar no atual quadro brasileira, com enfoque para a sua captura como processo marcante do avanço das forças conservadoras.

Assim, mudar o foco das pesquisas e inverter o lugar da experimentação e da teoria faz-se necessário como projeto de superação da crise colocada e, “... se se considerar a psique e o corpo como duas coisas separadas por um abismo, que não coincidem em propriedade alguma, será materialmente impossível, uma ciência sobre duas coisas distintas.” (VIGOTSKY,1999, p. 356) É preciso fugir das armadilhas do idealismo que sempre colocam como antagônicas estas categorias e impedem o avanço no sentido de uma ciência transformadora e o caminho aparece nesta passagem do mesmo autor;

É impossível qualquer ciência só sobre o subjetivo, sobre o que parece, sobre fantasmas, sobre o que não existe. O que não existe não existe em absoluto, e não vale o ‘meio não’ e o ‘meio sim’. Temos de enfrentar isto. Não cabe dizer: no mundo existem coisas reais e irreais – o irreal não existe. O irreal deve ser explicado como a não coincidência, como a relação entre duas coisas reais; o subjetivo como a consequência de dois processos objetivos. O subjetivo é o aparente, e por isso não existe. (VIGOTSKY, 1999, p.386)

Desta forma, não há como manter-nos na aparência e temos que aceitar o desafio de buscar a essência dos fenômenos para avançar na construção teórica das ciências humanas para além das especulações em objetos abstratos pura e simplesmente, entendendo a subjetividade em sua relação dialética com a realidade material e compreendendo os fenômenos neste campo que, de acordo com Vigotsky, ainda está em construção.

Ao retomarmos Lefebvre neste debate, resgatamos um caminho que ele propõe e que pode confluir no projeto de Vigotsky,

Fica então aberto apenas um caminho: descrever e analisar o cotidiano a partir da filosofia, para mostrar sua dualidade, sua decadência e fecundidade, sua miséria e sua riqueza. Isto implica o projeto revolucionário de um parto que tirasse do cotidiano a atividade criadora inerente, a obra inacabada.” (LEFEBVRE, 1996, P.18)

Esta obra inacabada só pode “explodir” a partir da subjetividade retomada na superação da alienação capitalista. O exercício filosófico é apenas um passo num processo que é material e passa pela transformação da estrutura imposta que pesa na vida cotidiana, onde para o Lefebvre “o drama existe”,

Diante do número, há o que ele não apreende, o que ele cerca, mas que lhe escapa, o resíduo, o irreduzível. Está sempre lá. Recua, parece pouca coisa: nada, o “nada”. Se nos aproximamos, é o infinito diante de nós, que somos finitude, o oceano diante da praia. A ciência e a cientificidade? Isso não é “nada”: um terreno baixo conquistado ao mar por meio de diques, canais, navios, máquinas para evacuar as águas, lagos, combates contra as marés, e os bruscos avanços da ressaca. O cientista declara que o

## A CAPTURA DAS SUBJETIVIDADES COMO ESTRATÉGIA NAS RELAÇÕES DE PODER NA SOCIEDADE CAPITALISTA

resto não tem interesse. Pedantismo ridículo que tapa o horizonte. Esse “resto” é o que a ciência conquista, o conhecimento do amanhã. Se o resto não é infinito e infinitamente precioso, que fará o sábio? Sua sorte está ligada à do poeta, mesmo que a ignore. O drama: tudo é drama – vida e morte, derrota ou vitória. Conto os agonizantes, cronometro a agonia, e nada me diz o que é o sofrimento, o que é o nada. O resto é o lugar das conquistas, das criações, das vitórias. Negar o número e a ciência é próprio do filósofo tradicional, é a loucura do metafísico. (...) Mas e o cotidiano? Aí tudo conta, porque tudo é contado: desde o dinheiro até os minutos. Aí tudo se enumera em metros, quilos, calorias. E não apenas os objetos, mas os viventes e os pensantes. (...) É no cotidiano que eles ganham ou deixam de ganhar sua vida, num duplo sentido: não sobreviver ou sobreviver, apenas sobreviver ou viver plenamente. É no cotidiano que se tem prazer ou se sofre. Aqui e agora. (LEFEBVRE, 1996, p.27)

Desta forma, o autor coloca como projeto uma saída que não está apenas no campo das ideias, da filosofia ou da ciência, mas na vida prática, na vida cotidiana, no viver como ato transformador e subversivo das normas que não nos cabem, não nos conformam. Como aprisionar os sonhos, os desejos, a subjetividade, a vida? Por mais que a racionalidade nos aprisione, sempre há o irredutível, o nada, a riqueza da vida cotidiana que nos coloca diante da superação da alienação como projeto de vida, para superação do mal-estar da sociedade moderna. E para Lefebvre,

A vida cotidiana se define como lugar social desse feedback. Um lugar desdenhado e decisivo, que aparece sob um duplo aspecto: é o resíduo (de todas as atividades determinadas e parcelares que podemos considerar e abstrair da prática social) e o produto do conjunto social. Lugar de equilíbrios, é também o lugar em que se manifestam os desequilíbrios ameaçadores. Quando as pessoas, numa sociedade assim analisada, não podem mais continuar a viver sem cotidianidade, então começa uma revolução. Só então. Enquanto puderem viver o cotidiano, as antigas relações se constituem. (1996, p.39)

Assim eis a verdadeira revolução, a superação das estruturas da forma como estão colocadas e que regem o nosso cotidiano, apontando para o extraordinário e, de acordo com Che Guevara, “quando o extraordinário se torna cotidiano, eis a revolução.” Desta forma, não bastam os caminhos científicos em suas teses é necessária uma práxis para mudar a alienação e romper com esta forma de vida que produz o adoecimento, as angústias e os desencontros que marcam o homem moderno.

Nessa situação, nessa reviravolta da história e na perspectiva que se anuncia, a alienação adquire um sentido profundo. Ela afasta o cotidiano da sua riqueza. Dissimula esse lugar da produção e da criação humilhando-o e recobrando-o com o falso esplendor das ideologias. Uma alienação específica transforma a pobreza material em pobreza espiritual, impedindo que a riqueza seja liberada das relações constitutivas do trabalho criador conectadas diretamente com a matéria e com a natureza. A alienação social transforma a consciência criadora (incluindo os filões da criação artística latentes na realidade) numa consciência passiva e infeliz. (LEFEBVRE, 1996, p.41)

Assim a superação da alienação é o projeto posto pelo materialismo histórico e dialético para a produção de uma outra sociedade, onde, pressupõe-se um novo projeto de homem e de mulher e de suas subjetividades já não mais sufocadas pela lógica racional do capitalismo. O que se espera superar neste projeto prático é a dicotomia do cotidiano aqui apresentada por Lefebvre da seguinte forma:

Primeiro quadro: miséria do cotidiano, com os trabalhos enfadonhos, as humilhações, a vida da classe operária, a vida das mulheres sobre as quais pesa a cotidianidade. A criança e a infância sempre recomeçadas. As relações elementares com as coisas, com as necessidades e o dinheiro, assim como com os comerciantes e as mercadorias. É o reino do número. A relação imediata com o setor não dominado do real (a saúde, o desejo, a espontaneidade, a vitalidade). O repetitivo. A sobrevivência da penúria e o prolongamento da escassez: o domínio da economia, da abstinência, da privação, da repressão dos desejos, da mesquinha avareza. Segundo quadro: a grandeza do cotidiano com sua continuidade. A vida que se perpetua, estabelecida sobre este solo. A prática incompreendida: a apropriação do corpo, do espaço e do tempo, do desejo. A moradia, a casa. O drama, que não se pode reduzir ao número. O trágico latente do cotidiano. As mulheres: sua importância (oprimidas, “objetos” da história e da vida social e, no entanto, “sujeitos” essenciais, bases, fundamentos). A criação de um mundo prático-sensível a partir dos gestos repetitivos. O encontro das necessidades e dos bens; a posse, ainda mais rara que os bens, mas poderosa. A obra e as obras (a capacidade de criar uma obra a partir do cotidiano, dos seus altos e baixos – a possibilidade de fazer da vida cotidiana uma obra, para os indivíduos, os grupos, as classes). A re-produção das relações essenciais, o feed-back já mencionado entre a cultura e a atividade produtora, entre o conhecimento e as ideologias, o lugar de nascimento das contradições entre esses termos, o lugar das lutas entre sexos, gerações, grupos, ideologias. O conflito entre o apropriado e o não-apropriado, entre a infirmitade da vida subjetiva e o caos do mundo (da natureza). A mediação entre esses termos e, por conseguinte, o intervalo profundo onde adquirem vida, no momento de seu nascimento, os antagonismos que explodem nos níveis “superiores” (instituições, superestruturas). (1996, p.43)

Eis o quadro da sociedade moderna e seus tormentos que adoecem o corpo e os pensamentos. Um admirável mundo novo onde tudo o que é sólido desmancha no ar da sociedade do espetáculo, assim definida por Debord,

Toda a vida das sociedades nas quais reinam as modernas condições de produção se apresenta como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era vivido diretamente tornou-se uma representação. (...)

A realidade considerada parcialmente apresenta-se em sua própria unidade geral como um pseudomundo à parte, objeto de mera contemplação. (...) O espetáculo em geral, como inversão concreta da vida, é o movimento autônomo do não vivo. (1997, p.13)

Eis o desafio, passar do espetáculo ao vivido concreto, subverter a ordem imposta, romper as estruturas. Ou se não, pelo menos compreender o processo de sujeição que Butler nos apresenta como sendo paradoxal, como primeiro passo na construção de uma superação. Compreendermos os indivíduos como parte de uma estrutura social que nos sujeita, normatiza, mas a realidade também nos constitui como sujeitos que se conformam ou se rebelam contra a estrutura, mas sempre na estrutura, até a superação da alienação. Para Butler, “sujeição significa tanto o processo de se tornar subordinado pelo poder quanto o processo de se tornar um sujeito” (2017, p.10) Só construímo-nos como sujeitos na relação com o mundo, com o outro e com esta realidade marcada pela alienação, portanto, construímo-nos como sujeitos alienados, porém que guardam a possibilidade da emancipação como processo histórico.

Ao avançarmos no debate nos deparamos com o indivíduo, que durante muito tempo acreditou-se ser uma parte desnecessária para os pesquisadores marxistas economicistas. Mas como já mostramos aqui, o neomarxismo resgata o debate da subjetividade e do indivíduo para além do econômico, resgatando o seu viés humanista, chagando ao ponto que Vigotsky apresentava como um caminho para se aproximar da psicanálise. Para contribuir, Butler nos lembra que “O senhor, que a princípio parece ser ‘externo’ ao escravo, ressurgue como a própria consciência do escravo” (2017:11) Ou seja, o que nos aparece como externo, esta sociedade caótica marcada pela miséria e pela riqueza, nos aparece na nossa consciência que se forma a partir da sociabilidade.

Butler também nos fala de uma ação, uma resistência enquanto sujeitos diante dessa estrutura posta. Para ela,

De acordo com o raciocínio de que a sujeição é tanto a subordinação quanto o devir do sujeito, o poder é, como subordinação, um conjunto de condições que precedem o sujeito, que o efetuam e o subordinam desde o princípio. Essa formulação vacila, no entanto, quando consideramos que não há sujeito anterior a essa efetivação. O poder só age sobre o sujeito como também, em sentido transitivo, põe em ato o sujeito, conferindo-lhe existência.” (2017, p.22)

Desta forma, a estrutura, o real já produzido é fundamental para que nos coloquemos no mundo, sendo ele a referência a ser afirmada ou negada. O poder da estrutura se coloca e nos coloca em movimento, como nos mostra Raffestin ao nos dizer que há um Poder com letra maiúscula (que se remete às estruturas e superestruturas) e um poder com letra minúscula, que é o que vem do sujeito, em resposta a tudo isso. Para o autor,

O poder, nome comum, se esconde atrás do Poder, nome próprio. Esconde-se tanto melhor quanto maior for a sua presença em todos os lugares. Presente em cada relação, na curva de cada ação: insidioso, ele se aproveita de todas as fissuras sociais para infiltrar-se até o coração do homem. A ambiguidade se encontra aí, portanto, uma vez que o “Poder” e o “poder”. Mas o primeiro é fácil de cercar porque se manifesta por intermédio dos aparelhos complexos que encerram o território, controlam a população e dominam os recursos. É o poder visível, maciço, identificável. Como consequência é o perigoso e inquietante, inspira a desconfiança pela própria ameaça que representa. Porém o mais perigoso é aquele que não se vê mais porque se acreditou tê-lo derrotado, condenando-o à prisão domiciliar. (...) O Poder está morto, viva o poder. O poder é parte intrínseca de toda relação. (...) O poder está em todo lugar; não que englobe tudo, mas vem de todos os lugares. (1980, p.52)

Desta forma, diante do Poder há o enfrentamento – negação que nos interessa mais de perto aqui – o poder que vem do sujeito e do coletivo diante da estrutura que nos esmaga em uma vida cotidiana marcada pela miséria, mas que guarda a possibilidade da negação como ação motora, pois segundo Raffestin, “onde há poder há resistência” (1980, p.53). E Butler nos lembra que “(...) a sujeição é o motivo de o sujeito se tornar garantidor de sua própria resistência e oposição.” Assim, observamos que mesmo ao analisar o indivíduo este só pode ser compreendido no seu contexto social, através das estruturas que o sujeitam ao mundo já dado. É neste quadro que devemos compreender as neuroses, histerias e outros adoecimentos que acomete o homem moderno, inclusive as frustrações, o stress e outras formas de mal-estar que acompanham o homem moderno.



## A CAPTURA DAS SUBJETIVIDADES COMO ESTRATÉGIA NAS RELAÇÕES DE PODER NA SOCIEDADE CAPITALISTA

Safatle (2018) afirma que “Lacan não temia em sugerir algo como um materialismo histórico aplicado às clínicas dos fatos mentais.” (2018, p.22), mostrando aqui que o caminho que tentamos percorrer aqui encontra sentido nos trabalhos deste pensador. Mais adiante Safatle argumenta, ainda, que,

Identificar-se é, grosso modo, “fazer como”, atuar a partir de tipos ideais que servem de modelo e de polo de orientação para os modos de desejar, julgar e agir. O que nos leva a uma contradição aparente. Pois afirmar que a identificação é o motor das dinâmicas de socialização significa dizer que o processo social que permite a constituição de subjetividades é movido pela internalização de modelos ideais de conduta socialmente reconhecidos e encarnados em certos indivíduos. Modelos que podem aparecer nas figuras familiares do irmão, dos pais, ou em qualquer outra figura de autoridade. (2018, p. 22-23)

Novamente o poder e as relações sociais são colocados no centro da construção da subjetividade e servem de contexto para a compreensão do indivíduo. Como nos afirma o mesmo autor “há um preço alto a pagar para ser um Eu.” (2018, p.23) O tempo todo na obra de Lacan o Outro é uma referência para a construção da personalidade e da subjetividade, ou seja, o processo de sociabilidade é fundamental, o que nos retoma o caminho do indivíduo ao coletivo. De acordo com Safatle, Lacan desenvolve o conceito de fantasma e, “através dele, Lacan pode explicar como um sistema de leis socialmente partilhado produz modos particulares de socialização e significação do desejo.” (2018, p. 49)

Um exemplo que Safatle nos apresenta é sobre o sofrimento, que como vimos marca o homem moderno, o seu mal-estar perpétuo diante da fluidez dos objetos e dos sentimentos. Para o autor,

No entanto, diante de tais discursos, devemos sempre colocar perguntas do tipo: afinal, o sofrimento é um “fato que fala por sim mesmo” ou é um fenômeno que é levado a falar no interior de contextos sócio-históricos determinados? Sofre-se da mesma maneira, dá-se o mesmo sentido ao sofrimento independentemente do contexto sócio-histórico? Pois é possível que a “significação do sofrimento psíquico” seja uma questão eminentemente política, já que diz respeito à maneira como os corpos sofrerão interferências, os comportamentos serão normatizados, os processos de socialização e de reprodução de modos de vida serão defendidos. Ou seja, diz respeito à maneira como a “saúde” aparece como categoria fundamental de imposição de uma normatividade social à vida. (2018, p.75 -76)

Um sofrimento produzido, reproduzido e capturado, ressignificado de acordo com os interesses da mercadoria, do capital, um sofrer que alimenta uma grande indústria – a da captura da subjetividade e da cura de sua captura através de uma norma imposta e que jamais resolverá os problemas produzidos, pois não atacam a raiz destes males, ou seja, uma vida marcada pelo desejo que não se realiza, pois não está posto no campo do real.

### Considerações Finais

Chegamos, portanto, ao ponto final de nosso argumento e do caminho metodológico proposto por Vigotsky – pensar do social ao indivíduo e do indivíduo ao social, num percurso que retira todas as manifestações fenomenológicas como puro idealismo e resgata, inclusive, a construção social até mesmo dos conceitos que usamos em nossa prática, como o adoecimento. Lefebvre nos apresenta um pouco mais deste mal-estar afirmando que “Desses redemoinhos multiplicados e reduzidos não poderia deixar de sair um vasto mal-estar, o sentimento mal discernível de uma frustração das satisfações, das compensações pelo imaginário, das fugas pelo sonho.” (1991, p.182) E, ainda acrescenta que mesmo diante do mal-estar seguimos iludidos por uma felicidade mercadoria, “Mas você pergunta se as pessoas estão satisfeitas, bastante felizes. Claro que sim. Elas acabam por aceitar e mesmo por amar o tédio do ‘grau zero’, que é preferível aos riscos do desejo.” (1991, p.197) Alienados, seguimos em nossos conflitos, buscando saídas que não existem além de uma mudança social, o que, por não estar ao nosso alcance como indivíduo, nos mergulha neste mal-estar e na sensação falsa de felicidade inventada.

Após estas reflexões voltamos a Vigotsky e lembramos que, “É impossível uma ciência sobre espectros especulares, mas a teoria da luz e das coisas que repele e reflete explica totalmente os ‘espectros’.” (1999, p. 387) E ainda, “A pedra angular do materialismo é a tese de que a consciência e o cérebro são produto e parte da natureza e refletem o resto da natureza.”(1999, p. 388) e, assim, portanto, todas as leituras de fenômenos partem do real como produto das relações sociais e materiais da vida e não de fenômenos estranhos a este fato.

Assim, restam-nos dois caminhos: a revolução ou a barbárie, como já nos alertava Rosa Luxemburgo. Optamos pela utopia de um admirável mundo novo.

### Referências Bibliográficas

BERMAN, M. **Tudo o que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

- BUTLER, J. **A vida psíquica do poder**. Teorias da sujeição. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DESCARTES, R. **O discurso do método**. São Paulo: Nova Cultural, 1996
- FEDERICI, S. **Calibã e a bruxa**. Mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2017.
- HUXLEY, A. **Admirável mundo novo**. São Paulo: Abril Cultural, 1981.
- LEFEBVRE, H. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991.
- LORDELO, L. da R. A crise na Psicologia: análise da contribuição histórica e epistemológica de L.S. Vigotsky. In: **Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Out-dez 2011, vol. 27, n 4.
- MARX, K; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Hucitec, 1991.
- MARX, K. **Capítulo VI – Inédito de o capital**. Resultados do processo de produção imediata. São Paulo: Moraes, 1969.
- RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.
- REY, F. L. G. A psicologia soviética: Vigotsky, Rubinstein e as tendências que a caracterizaram até o fim dos anos 1980. In: JACÓ-VIVLELA, A. M.; FERREIRA, A. A. L e PORTUGAL, F. T. **História da Psicologia – rumos e percursos**. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2018.
- SAFATLE, V. **Introdução a Jaques Lacan**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

Recebido em 23/06/2020  
Aceito em 06/08/2020